



PENGUIN



CLÁSSICOS

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA

A FALÊNCIA



JÚLIA LOPES DE ALMEIDA nasceu no Rio de Janeiro, a 24 de setembro de 1862, numa família de abastados imigrantes portugueses. Importante escritora, ativista pelo abolicionismo e cronista brasileira, teve uma educação liberal e esmerada, fator relevante para a publicação dos seus primeiros textos, aos 19 anos, e, aos 22, para o início da sua parceria com o jornal carioca *O País*, que duraria mais de trinta anos. Em 1886, mudou-se para Lisboa e, no ano seguinte, já casada com o poeta português e diretor da revista *A Semana Ilustrada* Filinto Elísio, publicou o seu primeiro livro de contos, *Traços e Iluminuras*. Colaborou intensamente com diversas publicações periódicas sobre temas políticos e sociais, como a abolição da escravatura e os direitos civis, e, depois do seu regresso ao Brasil, para São Paulo, em 1889, publicou o seu primeiro romance, *Memórias de Marta*. Ao longo dos seguintes, Júlia Lopes de Almeida publicará alguns dos seus mais conhecidos romances, entre eles, *A Falência*. Editado em 1901, trata-se de um romance realista-naturalista ambientado no final do século XIX, com a crise financeira, a desigualdade no tratamento das mulheres e o adultério como pano de fundo. Nos primeiros anos do início do século, o casal mudou-se para uma casa no Rio de Janeiro, conhecida como Salão Verde, um espaço frequentado por intelectuais cujas conhecidas tertúlias eram organizadas e dirigidas por Júlia. Apesar de ter sido uma das impulsionadoras da criação da Academia de Letras Brasileira, viu, por ser mulher, o seu nome preterido da lista de membros-fundadores, em favor do marido. Em 1925, a família cruza novamente o Atlântico para se fixar em Paris. De regresso ao Brasil, Maria Júlia Lopes de Almeida, um dos nomes mais importantes do modernismo brasileiro, morre na sua cidade-natal, vítima de malária, a 30 de maio de 1934.

ALVA MARTÍNEZ TEIXEIRO (Corunha, Galiza — Espanha, 1982), professora de Estudos Brasileiros da Universidade de Lisboa e professora estrangeira associada do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS, é investigadora integrada do CLEPUL, diretora do Mestrado em Estudos Brasileiros (FLUL/ICS) e coeditora da revista *Navegações*. Especialista em literatura brasileira e nas relações de transitividade interartística da Modernidade e da Contemporaneidade, doutorou-se com a tese «europeia» *A obra literária de Hilda Hilst e a categoria do obsceno* (2010, Prémio Extraordinário). É autora, *inter alia*, de livros sobre Raduan Nassar (*Maktub*, 2006),

Vicente Risco (*A pretensa nostálgia da autoridade*, 2007, Prémio de Ensaio Ramón Piñeiro), Hilda Hilst (*O herói incómodo*, 2009), Sophia Andresen (*Nenhum vestígio de impureza*, 2013) ou Lygia Fagundes Telles (*A linha de sombra de uma suspeita lição de zoologia*, 2014, Prémio Internacional de Monografias do Itamaraty), tendo coorganizado a obra *Vicente e Dora Ferreira da Silva. Uma vocação poético-filosófica* (2015) e coeditado o volume *Machado de Assis e a «mundana comédia»* (2017).

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	
Os livros do momento e os livros de sempre	vii
A Falência	1
I	3
II	15
III	31
IV	55
V	67
VI	76
VII	95
VIII	101
IX	109
X	121
XI	133
XII	147
XIII	157
XIV	165
XV	181
XVI	189
XVII	195
XVIII	205
XIX	219
XX	226

XXI	234
XXII	238
XXIII	247
XXIV	253
XXV	264

INTRODUÇÃO

Os livros do momento e os livros de sempre

All books are divisible into two classes, the books of the hour, and the books of all time.
(John Ruskin, *Sesame and Lilies*)

Como foi possível esquecer de modo tão rápido e por completo a figura de Júlia Lopes de Almeida? Essa é uma pergunta recorrente nos textos contemporâneos sobre a obra da autora, uma das escritoras mais relevantes e admiradas da *Belle Époque* brasileira, cuja obra foi quase totalmente apagada da História da Literatura e da memória coletiva brasileira entre as décadas de 1920 e 1940.

Antes disso, o público, a crítica e os seus pares mantiveram um longo e intenso idílio com Almeida: José Veríssimo declarou preferir a sua escrita à de Coelho Neto, «a grande presença literária»¹ do Pré-Modernismo brasileiro, enquanto a escritora e feminista portuguesa Guiomar Torresão afirmou que a autora carioca era a primeira escritora do seu país, num texto publicado no ano de 1899 em *A mensageira: revista literária dedicada à mulher brasileira*, o que não surpreende. O seu percurso literário e intelectual foi vigoroso e audaz: Júlia Lopes de Almeida, defensora das ideias republicanas, do abolicionismo, do divórcio, da emancipação feminina e do ecologismo *avant la lettre*, dedicou-se à escrita de artigos

interventivos nos mais relevantes jornais brasileiros, crónicas, obras teatrais, literatura infantil, contos e romances, de entre os quais podemos destacar *A família Medeiros* (1892) e *A falência* (1901).

Podemos assim compreender perfeitamente o título e as palavras de abertura do prefácio à edição brasileira da Penguin de *A falência* (2019), intitulado «O resgate de Júlia», da autoria do escritor Luiz Rufatto²:

A publicação de *A falência* nesta prestigiosa edição da Penguin-Companhia das Letras redime, de certa forma, Júlia Lopes de Almeida do estranho e injusto ostracismo a que foi relegada — e que só não se tornou ainda maior devido à importância de sua obra, que transcende os interesses obscuros que pautam a formação do cânone nacional, e ao abnegado esforço de alguns admiradores em manter viva sua memória. *A falência* é, sem sombra de dúvida, um dos pontos altos da literatura brasileira, e Júlia Lopes de Almeida, uma das personalidades mais fascinantes dos anos que compreendem o final do século XIX e o começo do século XX.

O romance que o leitor tem na mão graças a esse feliz e necessário «resgate», para o qual contribui também, inegavelmente, a presente edição portuguesa da obra, é, certamente, um dos grandes clássicos da literatura brasileira, por diversas razões.

Em primeiro lugar, pelo colossal esforço de apreensão da realidade feito pela autora. A instabilidade política, social e económica da Primeira República Brasileira na viragem do século é o pano de fundo histórico e o motor fundamental da falência que intitula o romance, e que se apresenta como uma representação miniaturizada da crise finissecular.

A falência é um romance em movimento, que progride ao longo das páginas na indagação sobre a complexa e problemática formação e condição da sociedade brasileira moderna, e que responde a si próprio de modos muito diversos.

Trata-se de uma obra polifônica e contrapontística, em que a escritora carioca cria um brilhante e harmônico equilíbrio entre o turbilhão da modernidade capitalista, refletida na poderosa descrição dos gestos da multidão agitada pelo trabalho nos armazéns do Rio de Janeiro, e o estatismo das figuras burguesas, acentuado pela amena e alienada domesticidade em que são representadas, símbolo também de um certo imobilismo, pois na realidade sociológica e na mundividência dessa classe social coexistem ainda, como veremos, traços pré-burgueses e burgueses.

Entre a sóbria e submissa vitalidade proletária e a aparatosa indolência burguesa situa-se um dos dois protagonistas, Francisco Teodoro, que encarna, através das suas vivências, três importantes fenómenos sociais e económicos do período: a imigração em massa para o Brasil, o denominado «Ciclo do café», durante o qual a cafeicultura e a venda e exportação do grão detinham importância capital na economia do país, e o fatal *boom* da especulação. Teodoro, um humilde imigrante português, chega ao Brasil durante a juventude «quase analfabeto, com a cabeça raspada, a jaqueta ruça e os sapatos barulhentos» e, gradativamente, faz lucros consideráveis no negócio do café, graças ao empenhamento e ao profissionalismo, mas também ao sacrifício, como destaca de modo descarnado e seco o narrador do romance: «O som do dinheiro é música; viera para o ganhar, atirou-se ao seu destino, tolerando todas as opressões, dobrando-se a todas as exigências brutais, numa resignação de cachorro.» No entanto, a opulência e a faustosa bonança conquistadas com muito esforço não satisfazem as desmedidas ambições do empresário, que aspira a ser apelidado «Rothschild brasileiro» e, assim, após décadas de trabalho, acaba por ceder aos novos cantos das sereias da especulação, investindo a sua fortuna numa operação arriscada que leva a sua empresa à bancarrota.

Dito isto, Francisco Teodoro não representa apenas a ambição desmedida característica de numerosos e memoráveis anti-heróis dos grandes romances oitocentistas, nem o *self-made man*,

solidamente enraizado no imaginário social, cultural e literário americano. Diga-se também que o protagonista é do mesmo modo uma daquelas figuras literárias atormentadas que optam pela própria morte. Após a falência, Teodoro põe fim à vida, movido pelo desespero e pela vergonha de ter sido enganado por promessas de dinheiro rápido e fácil, por uma sempiterna *auri sacra fames*, aliás, mais balzaquiana do que virgiliana.

Antes disso, Júlia Lopes de Almeida dedica-se, com grande paciência e habilidade narrativa, a fazer o retrato, não apenas social, mas sobretudo psicológico, do protagonista que quer e de que precisa. O humilde imigrante português que se torna um poderoso empresário no Rio de Janeiro encarna a maior conquista simbólica da burguesia, a criação e consolidação, como Marx afirmou, de uma nova cultura do trabalho baseada no pragmatismo, na competência, na produtividade, na seriedade e no esforço, princípios constantemente evocados pelo comerciante e que evidenciam a incomum importância adquirida na Modernidade por uma atividade anteriormente associada apenas à subsistência e à necessidade. O Teodoro adulto e empresário, como perfeito representante da burguesia do romance moderno ocidental, concebe a sua dedicação ao trabalho como a sua melhor virtude e o seu enriquecimento pessoal como a maior honra, graças à sua ética, favorável ao lucro e alicerçada no rigor e no pragmatismo.

Na elegante e aguda escrita de Lopes de Almeida, o espaço doméstico torna-se uma extensão metonímica do prosaísmo e da vulgaridade chata e simples do protagonista:

Como o negociante não usasse de livros, o seu escritório não tinha estantes. A mobília, de canela e de couro, guardava ali, na sua atitude impassível, um cunho de austeridade que não desdizia do aposento, vasto e sóbrio.

Aquelas cadeiras e aquele sofá de braços estendidos tinham o ar das coisas a que a intimidade dos seres não deu ainda uma alma.

A melhor parede para uma armação era ocupada por dois quadros industriais, de ricas molduras lampejantes, e por um contador veneziano. Sobre esse móvel, erguia-se, com ar de desafio, a estatueta de um cavalheiro de capa e grande pluma ao vento.

Do lampião de bronze com *abat-jour*, caía uma luz bem dirigida, espalhando-se sobre a secretária em um largo círculo tranquilo.

Nesse sentido, o palacete Teodoro, espaço central do romance, é uma representação miniaturizada e mesmo manufaturada da mundividência do seu proprietário e, ao mesmo tempo, um mundo à sua medida, edificado, com fartura, sumptuosidade e orgulho, sobre a memória da carestia passada e das suas conquistas.

Compreendemos, então, através da diligente caracterização psicológica do protagonista e da cuidadosa descrição do ambiente doméstico, dos gestos e das palavras que povoam o palacete situado no elegante bairro carioca de Botafogo, os anseios e fragilidades de Teodoro, assim como as expectativas dos outros, aquilo que a família e a sociedade esperam desse homem laborioso, ganancioso, mas também afável e generoso com os seus próximos. Entendemos, conseqüentemente, a situação sociológica e as razões psicológicas que o levaram a tomar a decisão fatal que nos é apresentada, aos leitores, na parte final do livro.

Nas páginas prévias ao suicídio do protagonista, são-nos apresentados, de modo gradual, a insegurança, os remorsos e a profunda crise vivida por Teodoro nos, aproximadamente, quatro meses que distam entre os primeiros indícios do desastre e a sua inexorável concretização. Assistimos à provação agônica por que passa o protagonista. A identificação plena do indivíduo com o trabalho faz com que a falência seja quase uma experiência de luto, a que se soma uma preocupação paradoxal, mas genuína, com o futuro da sua família.

No entanto, e apesar da atenta exposição narrativa das causas e da importância da componente social, anímica e afetiva

no suicídio de Teodoro, a sua morte causa estranheza, não apenas porque, tal como assinalou a Professora Zahidé Lupinacci Muzart³, «há egoísmo incontestado neste ato extremo, uma vez que a vergonha, a miséria e a reconstrução da vida são tudo o que resta para os que lhe sobreviveram», mas também porque essa opção narrativa diverge do nosso horizonte de expectativas.

É aí que reside também, no nosso entender, a singularidade e genialidade do romance de Júlia Lopes de Almeida, que, em *A falência*, colocou todos os instrumentos ao serviço de um objetivo: contradizer a nossa memória literária e a consabida enciclopédia cultural ocidental.

A outra protagonista do romance, Camila, a esposa de Francisco Teodoro, é uma mulher adúltera e, no entanto, é o seu marido quem se suicida. Júlia Lopes de Almeida compreendeu com lucidez que nós, os leitores, somos animais de hábitos e que, portanto, estaríamos à espera da crise da adúltera e da punição da sua concupiscência, mas, em vez disso, assistimos à perdição e sacrifício do rapace comerciante e, conseqüentemente, ao castigo simbólico de uma concupiscência de diverso teor.

É de notar que, com lucidez e cuidado, a autora semeia a narração com referências à elevada taxa de mortes de mulheres adúlteras na sociedade brasileira e na literatura ocidental. A título de exemplos, podemos citar o assassinato da mãe do capitão Rino, pelo pai, ou as palavras de Camila, numa conversa mantida com o seu amante, o Doutor Gervásio:

- O livro?
- Está aqui.
- Já leu?
- Já. Trata-se de um amor um pouco parecido com o nosso.
- Então não leio. Sei que está cheio de injustiças e de mentiras perversas. Os senhores romancistas não perdoam às mulheres; fazem-nas responsáveis por tudo — como se não pagássemos cara a felicidade que fruímos! Nesses livros tenho

sempre medo do fim; revolto-me contra os castigos que eles infligem às nossas culpas, e desespero-me por não poder gritar-lhes: hipócritas! hipócritas! Leve o seu livro; não me torne a trazer desses romances. Basta-me o nosso, para eu ter medo do fim.

As referências nas páginas do romance às incompreensíveis práticas de exclusão e violência sofridas pelas mulheres e ao feminicídio em massa, cometido ao longo dos séculos pela Literatura⁴ e, sobretudo, pelos grandes romances de adultério do século XIX, preparam-nos para o pior, para enfrentar a tragédia de uma nova heroína suicida, sacrificada ou desterrada, isto é, para contemplar a desventura de uma nova Madame Bovary, Ana Karenina, Luísa, Effi Briest ou Capitu.

A este respeito, cabe ainda destacar a maior dureza da tradição brasileira do romance de adultério, formada por duas obras-primas da literatura em língua portuguesa: *D. Casmurro* (1899), de Machado de Assis, e *S. Bernardo* (1934), de Graciliano Ramos. Nesses dois extraordinários romances, que dialogam tanto com a tradição flaubertiana, quanto com a shakespeariana, com base em meras suspeitas dos ciumentos protagonistas, as esposas tornam-se vítimas fatais do enredo: Capitu, a protagonista de *D. Casmurro*, opta pelo exílio perante a obsessão otelliana do seu esposo, enquanto Madalena, a protagonista de *S. Bernardo*, escolhe o suicídio. Ambos os trágicos gestos, graças à excepcional abertura e à perfeita ambiguidade dos romances, podem ser interpretados como fracasso ou libertação heroica das suas protagonistas. Se pensarmos no inegável poder crítico e problematizador que essa abertura confere às duas obras, compreendemos melhor a lúcida e definitiva transgressão das convenções que *A falência* representa: se Machado de Assis e, posteriormente, Graciliano Ramos dão forma de problema trágico ao romance de adultério oitocentista, ao misturá-lo, de modo propositadamente equívoco, com as convenções da tragédia de ciúme, a proposta de Júlia Lopes

de Almeida é, por sua vez, apesar de menos subtil, mais radical na sua crítica às convenções sociais e literárias, pois elimina o problema trágico do romance de adultério oitocentista.

Essa é a grande ironia do romance, a das implicações simbólicas e ideológicas da perpetuação da vida da protagonista, do seu ‘não-suicídio’, que, como não poderia deixar de ser, se desviam de qualquer interpretação crítica *prêt-à-porter*.

Nem anjo do lar, nem ingénua seduzida, nem *femme fatale*, Camila é uma personagem chocantemente plácida. Além da intensa aflição provocada pela morte do marido, nas páginas do romance, só assistimos a outra — modesta — crise: os ciúmes sentidos pela protagonista no relacionamento amoroso com o amante.

Para além disso, não há culpa, vergonha ou contrição sinceras e profundas. As suas reflexões sobre o adultério focam, sobretudo, a hipocrisia da moral burguesa e a impunidade dos homens infiéis, como o amante ou o marido, cujo comportamento imoral não é avaliado pela mesma bitola aplicada às transgressões femininas — ironicamente, na parte final do romance, o Doutor Gervásio confessa à amante que é um homem casado e que se quis divorciar da mulher adúltera, mas que não o conseguiu. Assim, a metafísica do amor entre os sexos acaba reduzida, em diversas passagens da obra, a uma espécie de antagonismo sentido por essa mulher aparentemente indiferente às exigências da moralidade.

E essa inusual atitude da protagonista permite-nos intuir o que a autora realmente queria transmitir na obra: o prosaísmo. A banalidade de uma vida, a de Camila, centrada num adultério trivial, e a banalidade das intensidades e do ideal argentarista do seu marido. Em *A falência*, a paixão, por assim dizer, está do lado errado da vida, evidenciando um conjunto de existências sem grandeza, incluindo a do terceiro lado do triângulo, o Doutor Gervásio, um Pigmalião hipócrita e *snob*, responsável pela transformação da protagonista, de origem humilde, numa elegante mulher da alta sociedade.

O romance apresenta, assim, três núcleos e relacionamentos distintos: o de Camila e Francisco Teodoro, o de Camila

e o Doutor Gervásio e o de Francisco Teodoro e a sua empresa. A única personagem que representa os valores do herói romântico na obra é o capitão Rino, figura secundária, amigo da família, viajante incansável, culto e sensível, que se torna expatriado de um romance que quer ser prosaico, também num sentido positivo, pois, tal como referido no início deste prefácio, o valor da obra reside, em grande medida, na revelação das rotinas, hábitos e pequenos conflitos sofridos pelas figuras centrais da ficção, mas também pela rica galeria de personagens secundárias, que compõe um vasto e multifacetado painel da sociedade carioca da Primeira República Brasileira na viragem do século e que revela as contradições dessa sociedade.

No desenho dos caracteres e dos temperamentos e na conceção dos grandes e pequenos conflitos romanescos, Júlia Lopes de Almeida, por um lado, lê as personagens com a voz que deveria ser delas, numa renovada declinação do borgesiano «*leer a Macedonio Fernández con la voz que fue suya*». Por outro lado, tanto naquele desígnio caracterizador quanto nessa ideação argumental, também privilegia a justaposição de elementos próprios do Brasil colonial e do Brasil republicano para captar a complexa, problemática e precária entrada do país na Modernidade, exemplarmente condensada na figura de Teodoro, que, apesar da sua biografia, é um indivíduo saudoso da escravidão e da monarquia, como ironicamente destaca Iara Machado Pinheiro⁵: «Justamente porque a mobilidade social não é lá traço característico de um regime aristocrático, a nostalgia do Império parece ser marca do tanto de vaidade que está implicada no acúmulo de seu patrimônio — o começar do zero e prosperar — e a *posição da elite brasileira na construção do país.*»

A partir da ideia da contiguidade do passado no presente, a escritora capta a dualidade do período histórico e revela algumas contradições de difícil solução, presentes no seu próprio olhar sobre a realidade. Neste horizonte de sentido, em diversos estudos sobre a sua obra, é afirmado que a autora critica a opressão e a violência sofrida por diferentes grupos, mas que não questiona

de modo aprofundado as estruturas sociais e a distribuição de papéis dentro dela: a domesticidade é o destino da mulher e o servilismo é o fado dos humildes.

Contudo, apesar dessas apreciações feitas de uma perspectiva anacronicamente contemporânea, não podemos deixar de admirar o cuidado da autora, que inseriu em *A falência* vozes totalmente discordantes, para criar um retrato pleno e, frequentemente, mordaz das tensões do período, e que, como também foi destacado em diversos estudos sobre o romance, dialogam com os conflitos do Brasil contemporâneo. Embates derivados ainda do patriarcalismo, da desigual distribuição de riqueza, da falta de políticas para a verdadeira inclusão das massas trabalhadoras resultantes do fim do processo escravista e das desigualdades raciais e, numa perspectiva mais abrangente, dos conflitos económicos, sociais e laborais do mundo globalizado, provocados pela especulação.

Podemos afirmar, portanto, retomando as palavras do escritor inglês John Ruskin que inspiram o título deste prefácio, que *A falência* foi um livro do momento e que é e será um livro de sempre.

Alva Martínez Teixeira

NOTAS

¹ Bosi, A. (1977). *História concisa da literatura brasileira* [2.ª ed.]. São Paulo: Cultrix, p. 223.

² Rufatto, L. (2019). “O resgate de Júlia”. Em Almeida, J. Lopes de. *A falência*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, p. 7.

³ Muzart, Z. Lupinacci (2014). «Um romance emblemático de Júlia Lopes de Almeida: crise e queda de um sistema.» *Navegações. Revista de Cultura e Literaturas de Língua Portuguesa*, 7.2, p. 138.

⁴ Martin, A. (2017). “How literature has been committing mass femicide for centuries”. *Independent*, 22, December 2017, p. 1.

⁵ Pinheiro, I. Machado (2019). «Sob o olhar *delas*.» *Rascunho*, setembro de 2019, p. 12.

A Falência

I

O Rio de Janeiro ardia sob o sol de dezembro, que escaldava as pedras, bafejando um ar de fornalha na atmosfera. Toda a rua de São Bento, atravancada por veículos pesadões e estrepitosos, cheirava a café cru. Era hora de trabalho.

Entre o fragor das ferragens sacudidas, o giro ameaçador das rodas e os corcovos de animais contidos por mãos brutas, o povo negrejava suando, compacto e esbaforido.

À porta do armazém de Francisco Teodoro era nesse dia grande o movimento. Um carroceiro, em pé dentro do caminhão, onde ajeitava as sacas, gritava zangado, voltando-se para o fundo negro da casa:

— Andem com isso, que às onze horas tenho de estar nas Docas!

E os carregadores vinham, sucedendo-se com uma pressa fantástica, atirar as sacas para o fundo do caminhão, levantando no baque nuvens de pó que os envolvia. Uns eram brancos, de peitos cabeludos mal cobertos pela camisa de meia enrugada de algodão sujo; outros negros, nus da cintura para cima, reluzentes de suor, com olhos esbugalhados.

Ao cheiro do café misturava-se o do suor daqueles corpos agitados, cujo sangue se via palpitar nas veias entumescidas do pescoço e dos braços.

No desespero da pressa, o carroceiro soltava imprecações, aos berros, furioso contra os outros carroceiros, que passavam raspando-lhe a caixa do caminhão, todo derreado para a aniação

das sacas, respirando a poeirada que se levantava delas. Os outros respondiam com iguais impérios, que os cocheiros dos tílburis, em esperas forçadas, ouviam rindo, mastigando o cigarro.

Os carregadores serpeavam por meio de tudo aquilo, como formigas em correição, com a cabeça vergada ao peso da saca, roçando o corpo latejante nas ancas lustrosas dos burros.

Transeuntes recolhiam-se apressados, de vez em quando, para dentro de uma ou outra porta aberta, no pavor de serem esmagados pelas rodas que invadiam as calçadas, resvalando depois com estrondo para os paralelepípedos da rua.

Aqui, ali e acolá, pretinhas velhas, com um lenço branco amarrado em forma de touca sobre a carapinha, varriam lépidas com uma vassoura de piaçava os grãos de café espalhados no chão. Com o mesmo açodamento peneiravam-nos logo em uma bacia pequena, de folha, com o fundo crivado a prego. Era o seu negócio, que aqueles dias de abundância tornavam próspero. Enriqueciam-se com os sobejos.

Assim, em toda a rua só se viam braços a gesticular, pernas a moverem-se, vozes a confundirem-se, chocando nas pragas, rindo com o mesmo triunfo, gemendo com o mesmo esforço, em uma orquestra barulhenta e desarmônica.

A não serem as africanas do café e uma ou outra italiana que se atrevia a sair de alguma fábrica de sacos com dúzias deles à cabeça, nenhuma outra mulher pisava aquelas pedras, só afeitas ao peso bruto.

Dominava ali o trabalho viril, a força física, movida por músculos de aço e peitos decididos a ganhar duramente a vida. E esses corpos de atletas, e essas vozes que soavam alto num estridor de clarins de guerra, davam à velha rua a pulsação que o sangue vivo e moço dá a uma artéria, correndo sempre com vigor e com ímpeto.

Já de outras ruas descia aquela onda quente, arfante de trabalho, vinha da rua dos Beneditinos e vinha dos armazéns da rua Municipal, todos atulhados de café, que esvaziavam em profusão

para os trapiches e as Docas, tornando-se logo a encher famintamente.

Em uma ou outra soleira de porta trabalhadores sentavam-se descansando um momento, com os cotovelos fincados nos joelhos erguidos, salivando o sarro dos cigarros, a saborear uma fumaça, olhando com indiferença para aquela multidão que passava aos trancos e barrancos, na ânsia da vida, num torvelinho de pó e gritaria.

De vez em quando, grupos de rapazinhos, na maior parte italianos, surgiam nas esquinas e percorriam todo o quarteirão, às gargalhadas, enchendo os bolsos com o café das africanas velhas, cujos guinchos de protesto se perdiam abafados pelo ruído complexo da rua.

Dentro dos armazéns a mesma lufa-lufa.

No de Francisco Teodoro não havia paragem.

O primeiro caixeiro, seu Joaquim, um homem moreno, picado das bexigas, de olhos fundos e maçãs do rosto salientes, gesticulava em mangas de camisa, apressando os carregadores esbaforidos.

À porta, um capataz de tropa, mulato, furava com um furador tubular de aço e latão todas as sacas que saíam, para que se escapasse pela abertura uma mancheia de grãos. Os carregadores apenas retardavam os passos nessa operação, e o café caía cantando na soleira.

Ao fundo, um rapazinho magro e amarelo, o Ribas, apontava num caderno o número de sacas que levavam, rente à escada de mão por onde os carregadores subiam para as tirar do alto das pilhas, correndo depois pelo asfalto desgastado e denegrido do solo.

Tudo era feito numa urgência, obrigada a grande movimento.

Um sopro ardente de vida, uma lufada de incêndio bafejada por cem homens arquejando ao mesmo tempo na febre da ambição, varava todo aquele extenso porão negro, sem janelas, ladeado de sacos sobrepostos e adornado nas vigas sujas do teto por infinita quantidade de teias de aranha, enredadas, como longas sanefas viscosas de crepe ruço.

De vez em quando, um ruído de cascata rolava pelo interior do armazém. Era o café, que ensacavam na área do fundo, e que na queda das pás desprendia um pó sutil e um cheiro violento.

Fora, chicotadas cortavam o ar com estalidos, e pragas rompiam alto, no som confuso, em que vozes humanas e rodas de veículos se amalgamavam com o estrupido das patas dos animais.

Alguns carregadores exaustos paravam um pouco, limpando o suor, mas corriam logo, chamados pelos olhos de seu Joaquim, que ia e vinha, muito trêfego, sungando as calças que lhe escorregavam pelos quadris magros.

— Aviem-se! aviem-se! temos hoje muito que fazer!

Era o seu estribilho.

E havia sempre muito que fazer naquela casa, uma das mais graúdas no comércio de café. Dir-se-ia que o dinheiro aprendera sozinho o caminho dos seus cofres, correndo para eles sem interrupção.

Ao lado do armazém e comunicando com ele por uma portinha estreita, havia à esquerda o corredor e a escada, que levava ao escritório, acima, no primeiro andar.

Em uma sala ampla, quadrada, de madeiras velhas e papel barato, o Senra, guarda-livros, escrevia em pé, junto à escrivaninha colocada ao centro. Em outra carteira trabalhavam mais dois ajudantes, um velho, o Mota, de sorriso amável e modos submissos; e o outro, um moço bilioso de barbinhas pretas, mal plantadas em um queixo quadrado.

Nessa sala o trabalho era silencioso. As penas não paravam, mal dando tempo às mãos para folhearem os livros e as diversas papeladas. Diziam-se frases sem se levantar os olhos da escrita, e as perguntas eram apenas respondidas por monossílabos.

A um canto, sobre uma mesinha sólida, entre uma das janelas e a parede, estava a prensa de copiar; e no outro canto, em um alto banco de madeira pintada, a talha de filtro já enegrecida pelo uso. Pelas paredes, pastas de molas, rotuladas, em filas, prenhes de contas, recibos e cartas a responder. Ao fundo, entre a talha

e o corredor da entrada, abria-se uma janela para o negrume do armazém, sob uma claraboia estreita, de pouca luz.

Era em um gabinete, ao lado, com uma janela para a rua e igual avarieza de mobília, que o dono da casa escrevia a sua correspondência, bem repousado em uma larga cadeira de braços.

Ele ali estava, acabando de fechar uma carta.

Toda a sua pessoa resumava fartura e a altivez de quem sai vitorioso de teimosa luta. Gordo, calvo, de barba grisalha rente ao rosto claro, com os olhos garços tranquilos e os dentes brancos e pequeninos, tinha um belo ar de burguês satisfeito.

Não era alto e quando andava fazia tremer a casa, tal a firmeza dos seus passos pesados.

Um ou outro empregado vinha de vez em quando fazer-lhe uma pergunta, a que ele respondia com paciência, indicando claramente as coisas, com minúcias, para evitar confusões.

Francisco Teodoro, à sua larga secretária de peroba, dava a face para o cofre de ferro, de trincos e fechaduras abertas.

Tinha ele por hábito, tornado já em cacoete, remexer com a mão curta e gorda o dinheiro e as chaves guardadas no bolso direito das calças. No começo da sua vida, dura de trabalho e de áspera economia, aquilo seria feito com intenção; agora representava um ato maquinal, alheio a qualquer pensamento de avarieza ou de orgulho de posse.

Depois de muitas horas de trabalho febril, sem repouso, vinha o momento de paragem, a hora do café, que um mulato moço, o Isidoro, levava primeiro ao escritório, servindo depois os empregados do armazém.

Os degraus já gastos da escada rangiam então ao peso de um comissário vizinho, o João Ramos, e do ensacador Lemos, da rua dos Beneditinos, do Negreiros, da rua das Violas, e do Inocência Braga, recentemente associado ao grupo. Às duas horas reuniam-se sempre ali para o cafezinho, descansando o corpo e desanuviando o espírito com palestras de seu interesse e do seu gosto.

Nesse dia tinham soado já as duas, quando os negociantes apareceram.

Francisco Teodoro levantou-se e bateu com os pés, desenrugiando as calças.

— Homem! vocês tardaram...

— Culpa do Lemos...

E depois:

— O senhor está com a casa repleta!

— Tenho exportado muito café!

— Felizardo! aproveite a época, que não pode ser melhor!

Corria então o ano de 1891, em que o preço do café assumira proporções extraordinárias. O movimento crescia e casas pequenas galgavam aos saltos grandes posições.

— O que eu te invejo — disse o Ramos, único que ousava tratar Teodoro por tu — não é a fortuna, é a mulata que te engoma as camisas!

Os outros olharam rindo para o alvo e lustroso peitilho do dono da casa, que saboreava o café, com ar satisfeito, de pé, com o pires muito afastado do corpo, seguro na ponta dos dedos.

— Não é má essa — regougou o Lemos, o comendador Lemos, da Beneficência, franzindo o narizinho, submerso entre duas bochechas, que nem de criança.

Depois de um riso fraco e desafinado, ouviu-se a vozinha aflautada do Inocêncio, perguntando a Teodoro:

— Aqui seu vizinho Gama Torres é que fez um casão de um dia para o outro, hein?

— Homem, sempre é verdade aquilo?!

— Se é!... Tenho provas... Afinal, eu inspirei-o um pouco no negócio...

Fixaram todos a vista no Inocêncio Braga. Era um homem pequenino, magro, com uns olhinhos negros, febris, e um fino bigode castanho, quase imperceptível.

— Custa-me a crer nesses milagres... — ponderou Teodoro, pousando a xícara na bandeja que o Isidoro oferecia.

— Afirmo; questão de arrojo. Presumiu alta, abarrotou o armazém e esperou a ocasião. O sogro ajudou-o, está claro...

— Não meditou nas consequências que poderiam sobrevir se desse uma baixa.

— Quem fala em baixa?! Eu só lhe digo que o comércio do Rio de Janeiro seria o melhor do mundo se tivesse muitos homens como aquele. Senhores, a audácia ajuda a fortuna. Fiquem certos que o bom negociante não é o que trabalha como um negro, e segue a rotina dos seus antepassados analfabetos. O negociante moderno age mais com o espírito do que com os braços e alarga os seus horizontes pelas conquistas nobres do pensamento e do cálculo. O Torres é de bom estofo; é destes. Conheço os homens.

Olhavam todos para o Inocêncio com um certo respeito, reconhecendo-lhe superioridade intelectual.

— O Gama Torres teve dedo, teve — sentenciou o Lemos.

E logo o Inocêncio acrescentou:

— Também aquele está destinado a ser o nosso Rothschild!

Teodoro contraiu as sobrancelhas. Ser o primeiro negociante, o mais hábil, o mais forte fora sempre o seu sonho...

Voltando-se, inquiriu dos outros explicações miúdas acerca daquele negócio fabuloso. O tempo favorecia as especulações, e ele meditava no assunto, alisando a barba grisalha, rente às faces gordas e macias.

O Negreiros, tendo dado volta à sala e enfiado pela porta do escritório o seu enorme nariz de cavalete, virou-se para os outros e disse a meia-voz:

— Que diabo! não posso acostumar-me a ver aquele velho como ajudante de guarda-livros!

— Que quer você? — murmurou Teodoro. — O Matos empenhou-se por ele e afinal a aquisição foi boa. Precisa mais do que os moços, e como dá boa conta do recado não penso em substituí-lo. É assíduo.

— Outro esquisitão que você tem cá em casa é lá embaixo o Joaquim... Ninguém dirá que é o mesmo, lá fora...

— Muito carnavalesco e metido com as damas, hein? Que se divirta, aqui trabalha como nenhum. É uma praça de arromba: descansa-me.

— Ouvi dizer que ele vai casar com a Delfina do Recreio...

— Histórias! o rapaz é sério.

— Tolo é que ele não é — resmungou o Negreiros, procurando o chapéu.

O Inocência despediu-se também; ia num pulo ao Torres. Os afazeres eram tantos, que mal lhe davam tempo para engolir o café.

Quando ele saiu, olharam uns para os outros interrogativamente. O comendador Lemos sentenciou:

— Este Inocência é espertalhão! Está aqui, está diretor do banco. Não duvido que o Torres tivesse sido empurrado por ele... Tem uma lábia!

— E sabe encostar-se a boas árvores. O Barros tem-lhe dado boas comissões e não é à toa que ele procura tanto agora o Torres... Mete-se sempre na melhor roda... Aquele não veio de Portugal como nós, sem bagagem e cheirando a pau de pinheiro; trouxe luvas e meias de seda... O patife!

— São os que naufragam...

— Quando não vêm à caça e não têm o jeitinho que este revela. Canta que nem um pássaro, para atrair a gente!

— É uma inteligência superior! — suspirou o Ramos, esticando com ambas as mãos o colete sobre a barriga arredondada. Depois, refestelando-se no sofazinho austríaco, teve uma ponta de censura para as coisas desta terra: o governo era fraco, o povo indisciplinado, a cidade infecta.

Inda nessa manhã, vendo marchar um pelotão de soldados, sem cadência nem ritmo, lembrara-se da maneira por que os soldados da sua pátria andavam pelas ruas. As fardas eram mais bonitas, os metais mais polidos, os passos iguaizinhos, um, dois, um dois; fazia gosto. E assim, em tudo mais aqui, o mesmo relaxamento.

A maldita República acabaria de escangalhar o resto. Veriam.

Só no fim perguntaram pelas famílias.

— A propósito — perguntou o Ramos a Teodoro —, aquela menina que vai tocar violino no concerto dos pobres é sua filha?

— Que concerto?

— De amanhã, no Cassino. Foi a minha madama que leu isso num jornal...

— Pode ser... São coisas lá da mãe... A pequena tem um talentão; o próprio mestre espanta-se.

— E bonita! Vi-a um destes dias — observou o Lemos.

— Não, isso não! Por enquanto ainda não se pode comparar com a mãe... — protestou Francisco Teodoro, com sinceridade e um certo orgulho.

Os outros sorriram.

— Lá isso, você tem um pancadão. Feliz em tudo, este diabo!

Houve uma pausa.

— Realmente — insistiu Francisco Teodoro —, o Gama Torres deu um cheque valente. Pois olhem, eu não dava nada por ele: um brasileirinho magro...

— E começou outro dia!

— De mais a mais, parecia acanhado... Tímido...

— Qual! isso não! Conheci-o caixeiro, ali do Leite Bastos. Foi sempre um atirado; ali está a prova: fez um casão de um dia para o outro. Dou razão ao Inocêncio; aquele está talhado para ser o nosso Rothschild...

— Vejam lá — rosou o Lemos com a papada trêmula e um brilho de cobiça nos olhinhos pardos —, eu quis fazer o mesmo negócio e lá o meu sócio é medroso e: tá, tá, tá, é melhor esperar... Está aí!

— Fez bem, foi prudente! Deixem lá falar o Inocêncio. Senhores, o comércio do Rio de Janeiro é honesto e não se tem dado mal com o seu sistema — observou Teodoro.

— Sim, o Inocêncio aprecia isto de fora, por isso diz o contrário. Chama o comércio do Rio de Janeiro de ignorante e de porco.

— Porco?! — bradaram os outros, indignados.

— Porco — confirmou o Ramos com solenidade.

— Tudo mais aceito, o porco é que não engulo — observou do seu canto o Lemos, o anafado.

Ramos sentiu saltar-lhe na língua esta resposta: «porque os animais da mesma espécie não se devoram entre si.» Ele confessava-se seduzido pelas exposições de Inocêncio. Que talento!

— Mas, afinal de contas, que quer o Inocêncio?! — perguntou Teodoro de pé, cruzando os braços sobre o fustão alvo do colete.

— Queria... pensava encontrar aqui uma praça mais desenvolvida, maiores transações, casas de mais vulto. Diz que não temos sabido aproveitar as aragens. Que só trabalhamos com o corpo. Não o ouviu?

— Com que diabo queria ele que trabalhássemos?

— Com a inteligência. Está claro. E ele explicou a coisa bem. O nosso comércio é formado por gente sem escola, vinda de arraiais... Eu por mim, confesso, mal tive uns meses magros de colégio! Apanhei muito e não aprendi nada.

Houve um curto silêncio, em que passou pelos olhos de todos a saudosa visão de uma escola rudimentar, em um recanto plácido de aldeia.

Depois de um suspiro, Teodoro concluiu:

— Que venham para cá os doutores com teorias e modernismos, e veremos o tombo que isto leva!

Entreolharam-se. A verdade é que tinham todos eles um soberano desprezo pelas classes intelectuais. Daí um sorrisinho de expressiva intenção.

Mais um pouco de palestra sobre câmbio, transações da bolsa e assuntos lidos no *Jornal do Commercio* do dia encheram um quarto de hora, que passou depressa. Por fim saíram, falando alto, dizendo que aquela casa cheirava a dinheiro.

Francisco Teodoro foi dar o seu giro pelo armazém. Vendo-o embaixo, seu Joaquim acudiu logo, limpando com a língua o bigode molhado de café, a dar informações.

— Estamos esperando o café do Simas. O caminhão já está aí perto, mas ficou entalado entre os carroções do Gama Torres.

Tem sido um despropósito o café que aquele armazém tem engolido.

— Já sei disso... bem. Mandou as contas para cima?

O outro disfarçou um movimento de enfado e mal respondeu: «sim, senhor»; depois gritou para o fundo:

— Seu Ribas!

O Ribas cruzou-se com Francisco Teodoro, que seguiu até a área, a ver ensacar o café.

A gente do armazém tinha quizília à do escritório: fazia valer os seus serviços, deprimindo os alheios. Seu Joaquim considerava-se o melhor empregado da casa e gostava de mostrar as suas exigências. Os caixeiros temiam-no; mas o pessoal de cima tratava-o com certa sobrançeria, que ele não perdoava.

O velho Mota, ajudante de guarda-livros, ainda era o único que lhe dispensava amabilidades e cortesias; mas, mesmo nisso, seu Joaquim lia uma adulação. Com certeza o velho só pensava em impingir-lhe a filha, que mirrava os seus trinta anos em um sobradinho da rua Funda.

Francisco Teodoro demorou-se um bocado na área vendo ensacar. Passou-lhe pela lembrança o tempo dos escravos, quando esse trabalho era exclusivamente feito pelos negros de nação, com a sua cantilena triste, de africanos. Era mais bonito.

As pás iam e vinham cantando, num compasso bem ritmado, sempre seguido da voz: eh, eh! eh, eh! E agora mal se via um preto nesse serviço! E ainda acham que as coisas se alteram devagar!

Rolavam pelo chão grãos de café, como contas de cimento, e na atmosfera carregada mal se podia respirar. Francisco Teodoro voltou. O caminhão estava já à porta e os carregadores andavam nas suas corridas afanosas. Ia subir, quando foi abordado por um dono de trapiche, o Neves, que, vendo-o da rua, entrou para lhe pedir a freguesia, acrescentando para o estimular:

— Agora mesmo venho ali do seu vizinho, o Gama Torres, que me tem mandado lá para o trapiche um número assombroso de sacas!

O movimento do armazém interrompia-os de instante a instante. Francisco Teodoro mal respondia, com as ideias desviadas para outro sentido.

Pensava no Gama Torres, de quem toda a gente lhe falava com elogio e pasmo. Aquele está destinado a ser o primeiro homem da praça, dissera-lhe o Inocêncio, e o Inocêncio era homem de bom faro e de êxito seguro em todas as suas previsões... Mas esse papel, de financeiro e negociante forte entre os mais fortes, fora o ideal de toda a sua longa vida de trabalhos, de sujeições e de amarguras! Seria justo que o outro, de um pulo, erigisse edifício mais alto e glorioso do que o seu, cimentado com lágrimas, com sacrifícios, com tantos anos de esforço e de labor?

Francisco Teodoro despediu-se do Neves sem o animar, apertando-lhe a mão frouxamente, e subiu para o escritório. Na escada encontrou o mulato, o Isidoro, com uma vassoura na mão.

— Cuidado!... não me tirem as teias de aranha do armazém...

— Não, senhor! Eu bem sei que aquilo dá felicidade...

Francisco Teodoro deteve-se um momento no escritório e entrou depois para o seu gabinete.

Fora, o sol avermelhava as fachadas feias e desiguais das casas fronteiras. Velhas paredes repintadas, outras com falhas de calça, guardavam os seus segredos e as suas fortunas. Um hálito ardente de verão bafejava toda a rua febril.

Os armazéns, pelas bocas negras das suas portas escancaradas, vomitavam ainda sacas e sacas de café, que as locomotoras e as carroças levavam com fragor de rodas e cascalhar de ferragens para os lados da Prainha e da Saúde, levantando do solo esmagado camadas de pó, que espalhavam no ar cintilações de ouro.

«Os senhores romancistas não perdoam às mulheres; fazem-nas responsáveis por tudo — como se não pagássemos caro a felicidade que fruímos!»

Francisco Teodoro é um homem ambicioso à frente de um florescente negócio de exportação de café. Na busca de protagonizar um quadro social ideal, casa com a bela Camila, jovem de origens humildes, para com ela constituir família. Com o passar dos anos, a paixão de Teodoro continuará a ser o dinheiro; a de Camila, o dr. Gervásio. Acomodada ao conforto que o marido lhe providencia, mas totalmente alheia aos negócios do mesmo, é apanhada de surpresa, quando, num revés do destino, a fortuna se eclipsa.

Considerado um dos romances brasileiros mais emblemáticos do final do século XIX, *A Falência* expõe a decadência económica e moral de uma burguesia urbana hipócrita, dominada pelo machismo e incapaz de superar a sua dependência das estruturas escravagistas que acabavam de ser abolidas. Uma obra lúcida e sagaz de Júlia Lopes de Almeida, ícone do Modernismo brasileiro.

P E N G U I N



C L Á S S I C O S

Introdução de Alva Martínez Teixeira



Coffee harvest (Colheita de café), Candido Portinari (1903-1962)

© A. Dagli Orti / © NPL - DeA Picture Library / Bridgeman Images

ISBN 9789897845628



9 789897 845628 >

penguinlivros.pt

[penguinlivros](https://www.penguinlivros.com)



Penguin
Random House
Grupo Editorial